Fala, pesquisador

entrevista:
Arlindo Baré

Uma iniciativa

CPTEn
Centro Paulista de Estudos da Transição Energética

UNICAMP
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FAPESP

No debate global sobre transição energética, prevalece uma ênfase tecnocrática que privilegia infraestrutura, financiamento e tecnologias de baixo carbono.

No entanto, essa perspectiva frequentemente invisibiliza dimensões socioculturais, incluindo percepções, imaginários e valores que orientam a relação das comunidades com o território, com o uso da energia e com as formas de governança.

> **“A floresta é nossa biblioteca. Cada árvore é um livro que nossos mais velhos aprenderam a ler.”**

Ilustração: perfil estrutural de uma capoeira nova indicando plantas cultivadas em vermelho, de capoeira inicial em verde e da floresta primária em azul. A numeração está relacionada à ficha de sistematização de caracterização dos recursos. Livro: Manejo do Mundo. Organização: Aloisio Cabalzar/ISA; Foirn

A ciência indígena não é apenas um conjunto de práticas, mas um sistema cognitivo completo.

Abrange processos sofisticados de manejo florestal, monitoramento hidrológico, engenharia ecológica, classificação de solos e espécies, tecnologias de cultivo, técnicas de construção, medicina tradicional e formas de organização social orientadas para a sustentabilidade.

É ciência porque envolve rigor empírico, capacidade preditiva, transmissão estruturada do conhecimento e adaptação dinâmica aos ambientes em que esses povos vivem.

Ilustração: calendário ecológico do rio Tiquié.
Desenhista: Cesar Meira Barbosa (Tuyuka)

A transição energética só é justa quando rompe a lógica do "entregar tecnologia" e passa a produzir autonomia territorial.

A energia renovável tem potencial transformador, desde que seja construída com protagonismo indígena.

> **"O que defendemos é envolvimento, não desenvolvimento.**
> **Desenvolvimento, do jeito que é imposto, carrega exploração.**
> **Envolvimento significa co-criar, formar, decidir juntos."**

A romantização dos povos indígenas é uma armadilha recorrente, presente na academia, na mídia, em diversas instituições e até em setores progressistas. Trata-se de um discurso que idealiza e exotiza a existência indígena, transformando povos diversos em metáforas rasas e imagens edulcoradas.
Neste enquadramento, os indígenas aparecem como "protetores da natureza", seres naturalmente ecológicos e supostamente alheios a conflitos, decisões estratégicas ou necessidades materiais.

Essa visão é infantilizante e profundamente colonial. Ignora que povos indígenas sempre foram inovadores, incorporam tecnologias, circulam por universidades, empreendem, pesquisam e adaptam tradições.

No campo da transição energética, a romantização tem impactos concretos.

Projetos solares, eólicos ou de hidroelétricas costumam ser desenhados sem participação indígena. Nesses debates, povos indígenas aparecem apenas como “afetados” ou “consultados”, nunca como cocriadores ou inovadores

> **“O problema aqui não é apenas distributivo, mas epistêmico: negar que povos indígenas produzem soluções energéticas próprias, integrando energia, alimento, água, mobilidade e governança.”**

A COP30, realizada em um país amazônico, escancarou esse paradoxo. Embora simbólica, a conferência ofereceu pouco espaço real para que povos indígenas influenciassem decisões que moldam diretamente seus futuros. Prioridades fundamentais, como a demarcação de territórios, condição mínima para qualquer enfrentamento da crise climática, ficaram à margem.

> **Não queremos ser lembrados apenas como guardiões da floresta. Queremos ser reconhecidos como cientistas do nosso território.**

Fala, pesquisador

Leia a entrevista
completa em:
www.cpten.unicamp.br